

Ethos e embates ideológicos no discurso jornalístico: uma análise crítica da reportagem do Fantástico sobre o uso do Santo Daime por presos em Rondônia¹

Pedro Júlio Santos de OLIVEIRA²
Francisco Laerte Juvêncio MAGALHÃES³
Universidade Federal do Piauí – Teresina, Piauí

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o enunciador se apresenta a partir da construção do discurso acerca do uso do chá Santo Daime por presos em Rondônia, na reportagem *ONG oferece chá alucinógeno a presos em Rondônia*, exibida no dia 24 de maio de 2015 pelo programa Fantástico. Como aporte teórico-metodológico utilizaremos a Análise de Discurso Crítica, articulando o pensamento de Norman Fairclough (2001), Maingueneau (2010) e van Dijk (2008), adotando como principais categorias de análise o *ethos* e a ideologia. O enunciador reforça um contexto de intolerância à ressocialização dos presos, no momento em que coloca em confronto o sofrimento das famílias das vítimas e a liberdade e tratamento dado aos seus algozes.

Palavras-chave: Discurso; Ethos; Ideologia; Jornalismo; Reportagem;

Introdução

Estudar o discurso jornalístico é entender que não se pode limitar para as abordagens que envolvem o emissor, canal, mensagem e receptor num processo linear. Por isso, este artigo se vincula à Análise de Discurso que tem como característica ser uma abordagem transdisciplinar – pois o discurso é apresentado como produtor de sentido, que revela através de seus enunciados ideologias, identidades e as relações de poder das práticas sociais.

Nesse sentido, refletiremos à luz do aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica, proposta pelo britânico Norman Fairclough (2001). O foco desse artigo será direcionado para os discursos audiovisuais, em especial para a análise crítica da reportagem *ONG oferece chá alucinógeno a presos em Rondônia* exibida no dia 24 de maio de 2015 pelo programa Fantástico.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Email: pedroj.comunica@gmail.com.

³ Orientador. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Piauí – DCS/UFPI. Coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estratégias da Comunicação (NEPEC) da Universidade Federal do Piauí. Email: flaerte@msn.com.

O discurso midiático como aponta Charaudeau (2006) antes de ser uma representação do mundo é uma representação de uma relação social, visto que o sentido não é algo preestabelecido, e sim construído no processo de interação social.

O artigo que se segue está dividido em três partes. Na primeira, discutiremos sobre os gêneros audiovisuais e apresentaremos a definição de reportagem, além de suas aproximações e diferenças com o documentário. No segundo momento, falaremos sobre o aporte teórico-metodológico, discutindo sobre a Análise de Discurso Crítica e trabalhando com os conceitos de campo – e conseqüentemente de capital e *habitus* – de Bourdieu (1992).

Em seguida, será apresentado o contexto histórico-situacional no qual foi exibida a matéria pelo Fantástico, percebendo a contextualização como elemento fundamental para a análise, e por fim, observaremos o posicionamento do enunciador, atentando para o conceito de *ethos*, desenvolvido por Maingueneau (2010), e para como os sujeitos foram construídos bem como os embates ideológicos constitutivos do discurso.

Um olhar para a Reportagem

O audiovisual tem se firmado ao longo de décadas como uma forma de linguagem – modo de significar o mundo – que adquire, através da prática social, o caráter discursivo. Composto por múltiplos elementos semióticos como imagens, trilhas sonoras (música), ruídos, diálogos, movimentos de câmeras, enquadramentos, cenários, vestuários, narrativas, luzes e filtros, estes se apresentam como enunciados na forma fílmica.

Como nas demais formas de linguagem, o discurso audiovisual é perpassado por diversos gêneros discursivos. Bakhtin (2006, p.279), reflete que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.

Servindo como unidade de classificação, os gêneros, são utilizados nos estudos discursivos para reunir diferentes abordagens temáticas que possuam bases enunciativas comuns. Reportagens, notícias, editoriais, entrevistas – presentes nos telejornais –, documentários, telenovelas, programas de entretenimento e filmes são os principais gêneros discursivos audiovisuais.

Algumas vezes o gênero da reportagem é confundido com o documentário, pois, como afirma Rocha (2003, p. 28) “ambos procuram tratar seus temas de forma aprofundada, apoiando-se na realidade imediata e no registro de imagens, falas, gestos, diálogos e expressões”. Buscando evitar posteriores equívocos de classificação é necessário apresentar as particularidades que distinguem a reportagem do gênero documentário.

Inicialmente podemos caracterizar a reportagem por seu caráter estritamente jornalístico, que tem como principal finalidade informar, de maneira mais aprofundada, acerca de temas pautados a partir critérios de noticiabilidade – que são definidos mediante parâmetros do campo jornalístico. Esses critérios, quando utilizados pelos jornalistas, classificam os acontecimentos e/ou fatos do cotidiano como noticiáveis.

Em contrapartida os documentários não precisam estar tematicamente vinculados aos critérios jornalísticos, possibilitando assim ao documentarista a liberdade de escolha dos temas e assuntos a serem apresentados. “As temáticas abordadas podem respeitar a qualquer aspecto da vida das pessoas e dos acontecimentos do mundo [...] ou seja, aqui não é necessário que chegue o verão para se falar sobre incêndios” (PENAFRIA *apud* ROCHA, 2003, p. 30).

Outro ponto importante que define a reportagem diz respeito ao efeito de objetividade implicado na produção do material audiovisual. Enquanto o documentário resulta e é apresentado como o olhar (um ponto de vista) do documentarista sobre determinado assunto, a reportagem, buscando um *status* de imparcialidade, tenta se aproximar do fato em sua totalidade, utilizando como estratégia a coleta de diferentes pontos de vista acerca do tema em questão.

Cada gênero mantém suas particularidades na relação com o tempo, no que diz respeito ao contexto profissional e fatores de ordem técnica. O tempo na reportagem – embora exija um aprofundamento maior – é imperativo, visto que trabalha em função da atualidade. Já no documentário, pode-se investir um tempo maior nas etapas de apuração.

A utilização da voz *off*⁴ e das imagens também são diferentes nos dois gêneros audiovisuais. Na reportagem a voz *off* tem um caráter obrigatório, que serve para descrever ou explicar ao espectador as imagens apresentadas no vídeo. Estas por sua vez

⁴ A voz *off* é aquela que narra os acontecimentos e orienta a percepção do espectador. Este recurso começou a ser utilizado especialmente após a Segunda Guerra Mundial e ganhou força nos anos 80.

exercem no gênero um papel ilustrativo, que confirmam ao longo da narrativa tudo aquilo que é dito seja pelo jornalista ou por entrevistados.

Já no documentário as imagens contraem maior peso, e por isso, não precisam necessariamente estar associadas ao texto narrado pelo enunciador, eliminando assim a obrigatoriedade da utilização da voz *off*.

Os enunciados audiovisuais são constituídos polifonicamente que dialogam ao longo do discurso. Porém, em cada gênero a polifonia exerce uma função diferente. No documentário, a polifonia reforça o ponto de vista do autor, pois apresentam opiniões que confluem diante do argumento do documentarista. Já no segundo gênero, a polifonia exerce um papel de disfarçar o caráter subjetivo do trabalho jornalístico, a partir de vozes diversas que provocam a sensação de neutralidade.

Por essas razões, o modelo polifônico dos telejornais recebe acusações de mascarar o fato de que todo relato emana de alguém (indivíduo, grupo ou empresa), não sendo o resultado de um consenso coletivo, mas, pelo contrário, de uma postura de interpretação e interesse frente aos acontecimentos noticiados. (MACHADO, 2003, p.109).

Diante das reflexões feitas acerca dos gêneros discursivos, podemos classificar o objeto de nossa análise como uma reportagem, visto como se dá o tratamento do material coletado, com foco na informação, o uso de vozes diversas e o efeito de objetividade que se propõe.

Discurso Jornalístico e interlocuções da Análise de Discurso Crítica

O discurso, sob a perspectiva de Fairclough (1992), é compreendido como um momento da prática social, e esta por sua vez é fruto de relações existentes no meio. Como afirma Pierre Bourdieu (1996, p. 50) “o social é constituído por campos, microcosmos ou espaços de relações objetivas, que possuem uma lógica própria, não reproduzida e irredutível à lógica que rege outros campos”.

Os campos são estruturas que mudam ao longo da história, e se transformam a partir da ação dos indivíduos e dos grupos. Por isso, Bourdieu (Idem) considera que o campo é tanto um campo de forças, que constrange os agentes nele envolvidos, bem como um "campo de lutas", onde esses sujeitos atuam conforme suas posições dentro do campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura.

Percebidos como “mundos” – educacionais, religiosos, políticos, jornalísticos, familiares, artísticos, dentre outros – os campos são lugares de disputa e podem ser delimitados a partir da relação entre interesses e capitais específicos.

Dessa forma, o sociólogo francês, divide o capital em quatro definições: econômico, cultural e simbólico, sendo este último uma síntese dos demais. No mundo social, o capital acaba por dar sustentação ao campo ao passo que também determina, a partir de seu acúmulo ou não, as posições dos agentes dentro deles.

De acordo com Bourdieu (1992), todo campo tem como característica o fato de possuir agentes de um mesmo *habitus* – que significa o modo de sentir, perceber, pensar e agir em determinada circunstância – e que, nesse sentido, constitui o campo ao passo que é estruturado por ele.

Os *habitus* não designam simplesmente um condicionamento, designam, simultaneamente, um princípio de ação. Eles são estruturas (disposições interiorizadas duráveis) e são estruturantes (geradores de práticas e representações). Possuem dinâmica autônoma, isto é, não supõem uma direção consciente nas duas transformações (BOURDIEU *apud* THIRY-CHERQUES, 2006, p. 07).

Dentre os diversos campos sociais, atentaremos nesse trabalho para o campo jornalístico, que é atravessado por outros campos e está voltado para a produção de informação. Diferente dos demais campos sociais, o jornalismo só é compreendido enquanto prática social a partir da prática discursiva. Nesse sentido, é importante perceber como se configuram os *habitus* do jornalismo. Os discursos jornalísticos têm como fundamentação relatar acontecimentos, que circulam em nosso cotidiano por meio dos diversos dispositivos midiáticos.

No entanto, o ato de relatar é fruto de condições de produção, regras e convenções narrativas, que perpassam os valores ético-pragmáticos da fala e os ajustes semânticos e sintáticos da linguagem, bem como as limitações de ordem técnicas ou dos gêneros discursivos. Dessa forma, o relato jornalístico é resultado de um processo social de construção da realidade.

Os discursos jornalísticos, assim como os outros, pressupõe relação recíproca entre enunciadores e enunciatários, que compartilham perspectivas. Essa aproximação acaba por validar determinados discursos criando vínculos sociais e identidades, que só

é possível a partir do que Charaudeau (2006) conceituou como Contrato de Comunicação.

Esse contrato seria um acordo tácito firmado entre as partes sobre as condições para que ocorram as “trocas languageiras”. Ele traz o conjunto de referências que compõem os limites da comunicação, construído a partir das expectativas das partes, vindo a ser constituído pelo resultado “das características próprias à situação de troca, os dados externos, e das características discursivas decorrentes, os dados internos” (CHARAUDEAU, 2006, p.68).

O jornalismo produz efeitos na sociedade a partir de sua atuação que de um lado oferece visões de mundo – que podem se constituir como fatores de esclarecimento e emancipação – e por outro, é capaz de legitimar os processos de dominação social. Nesse sentido, é importante perceber ao analisar determinado discurso jornalístico o contexto de enunciação, bem como o meio em que esse enunciado foi proferido.

Na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC), filiada a Fairclough (2001), o discurso é percebido como prática política e ideológica e assume um papel fundamental na dinâmica social. Ele se manifesta por meio dos enunciados – materialização da enunciação – que são capazes de modificar ao passo que se modificam pelas relações sociais.

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Como implicam essas palavras, a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. Assim, a prática política é a categoria superior. Além disso, o discurso como prática política é não apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder: a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são um foco de luta. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Dessa forma, o discurso jornalístico, é um importante agente de transformação e/ou de manutenção das práticas sociais. Estudar os enunciados jornalísticos é perceber

que mais do que informações, eles revelam os embates ideológicos presentes no contexto social, mesmo que não esteja aparente na superfície discursiva.

Uma ideologia é uma estrutura cognitiva complexa que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como conhecimento, as opiniões e as posturas, e de representações sociais, como os preconceitos sociais. [...] Desta forma, uma ideologia proporciona coerência às atitudes sociais, que por sua vez, co-determina as práticas sociais. (DIJK, 2008, p. 48)

Nesse sentido, o discurso jornalístico, ainda que tenha como papel social informar, pode reforçar certas práticas e construir posicionamentos sociais para certos sujeitos. Sobre este último aspecto é que entra o conceito de *ethos* que, de acordo com Maingueneau (2010), diz respeito a construção da identidade social de um sujeito no enunciado.

Diante do exposto, este trabalho busca perceber como o enunciador se mostra a partir do discurso e como são travados os embates ideológicos entre as diferentes sujeitos e instituições apresentados pela reportagem *ONG oferece chá alucinógeno a presos em Rondônia*, exibida no programa Fantástico.

A reportagem especial do Fantástico e o contexto situacional

O programa Fantástico⁵, atualmente apresentado por Tadeu Schmidt e Poliana Abritta, é exibido aos domingos, com duração média de 2 horas, pela Rede Globo de Televisão. Essa revista eletrônica semanal trata de assuntos variados: jornalismo, prestação de serviços, documentários, reportagens investigativas, denúncia, ciência, humor, esporte, dramaturgia e música.

A reportagem que trabalharemos nessa análise – *ONG oferece chá alucinógeno a presos em Rondônia* – foi exibida pelo Fantástico no dia 24 de maio de 2015 e conta com pouco mais de 13 minutos. A matéria trata da iniciativa da ONG Acuda (Associação Cultural e de Desenvolvimento do Apenado e Egresso), que atua em Rondônia, região norte do país, e oferece programas de ressocialização através de terapias alternativas para 100 detentos que vem de diversos presídios da região.

⁵ Originalmente chamado de Fantástico, O Show da Vida, o programa teve estreia no dia 5 de agosto de 1973, foi criado por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni.

Com 15 anos de atuação, a ONG conta com dos órgãos de justiça do Estado e outros parceiros privados, e oferece atendimento psicossocial, capacitação profissional (com oficinas de marcenaria, tear, de cerâmica, hortifrutigranjeiros e inclusão digital) e terapias complementares (que incluem meditação, banho de argila e de ervas medicinais, teatro gestáltico, cone chinês, massagem ayurvédica, terapia Reiki⁶ e ainda o chá Santo Daime).

Traçando o perfil dos homens⁷ que frequentam a Acuda, pelo menos 57% dos presos tem entre 18 e 29 anos, e mais da metade (53%) possui ensino fundamental completo. Quanto aos tipos de crimes, os mais recorrentes são por tráfico de drogas (33%), seguido por crimes sexuais (27%), homicídios (12%), furtos (12%), assaltos à mão armada (11%) e sequestros (5%).

O sistema prisional de Rondônia conta atualmente com 50 unidades prisionais e uma defasagem de 1.635 vagas – são 7.631 mil presos para quase 6 mil vagas nas penitenciárias do Estado. Esses dados refletem o panorama geral da situação dos detentos no Brasil. De acordo com o levantamento nacional de informações penitenciárias (INFOPEN), divulgado pelo Ministério da Justiça em junho de 2015.

O país possui a quarta maior população prisional (ultrapassando a marca dos 600 mil presos) enquanto existem apenas 377 mil vagas do sistema penitenciário, totalizando um déficit de 231.062 vagas. Com a superlotação dos presídios, surge também outro problema, frente à estrutura das 1.424 unidades prisionais. Pelo menos um terço delas foram apenas adaptadas para servirem como estabelecimentos prisionais e não contam com módulos de saúde, educação, oficinas profissionalizantes e nem mesmo espaços para visitas íntimas. Além disso, faltam materiais básicos de higiene, colchonetes e até mesmo água.

Todas essas questões somadas ao baixo contingente de agentes penitenciários levam à graves crises no sistema e são comuns rebeliões e chacinas dentro das unidades. O presídio Urso Branco, localizado em Porto Velho, por exemplo, apresenta um histórico de diversas rebeliões que resultaram em mais de 100 mortes violentas, ocorridas entre 2000 e 2007, sendo palco em 2002 da maior chacina ocorrida no país.

⁶ A terapia Reiki foi desenvolvida em 1922 pelo japonês Mikao Usui. A técnica não tem relação com nenhuma religião e é baseada na canalização da energia universal através da imposição das mãos com o objetivo de restaurar o estado de equilíbrio natural (seja ele emocional, físico ou espiritual).

⁷ Segundo levantamento feito pela Acuda com presos de 2012, 2013 e 2014.

É nesse contexto que entra o trabalho da ONG Acuda, que utiliza além do modelo de políticas públicas do Estado (que envolve saúde, educação, trabalho, cultura, esporte, assistência social e acesso à justiça), também o uso da técnica espiritual com o Santo Daime.

O movimento religioso do Santo Daime tornou-se forte nas primeiras décadas do século XX, no interior da Floresta Amazônica. De cunho cristão e eclético, reúne tradições católicas, espíritas, esotéricas, indígenas e caboclas em torno do ritual do chá Santo Daime, conhecido pelos povos incas como *ayahuasca* (o vinho das almas).

A bebida milenar, obtida a partir do cozimento de duas plantas nativas da floresta tropical, é encarada como um agente profilático e terapêutico que promove o autoconhecimento. Por ter propriedades enteogênicas, em 2010, uma lei federal regulamentou seu uso apenas para fins religiosos. Dessa forma, o chá, não pode ser comercializado e sua produção obedece às datas do calendário religioso.

O uso do Santo Daime como estratégia de ressocialização de detentos pela ONG Acuda também deve ser compreendido a partir de um complexo fenômeno histórico, social e antropológico. Por estar situada na região norte do Brasil, a ONG liga-se à tradição do Santo Daime, onde seu uso adquire um valor simbólico, ligada ao costume do lugar.

No entanto, com o aumento dos índices de violência somados ao número de presos reincidentes, as políticas de ressocialização são vistas pela sociedade como estratégias falidas. Os criminosos não estão sendo mais tolerados e são encarados como sujeitos que não merecem uma segunda chance, haja vista o crescimento dos casos de linchamentos no Brasil nos últimos anos.

Sujeitos e Embates ideológicos

Antes de iniciar a análise é importante perceber que durante a reportagem aparecem vários sujeitos discursivos que nesta reportagem são: o enunciador (o programa Fantástico – representado na fala dos apresentadores e repórteres), o sujeito falado (os presos), os co-enunciadores (dois dos detentos, o juiz, a família das vítimas, o diretor da ONG e o líder religioso) e o enunciatário (público).

Durante a chamada da reportagem (feita pelos apresentadores do programa) surgem no vídeo galhos, luzes (efeitos de computação gráfica), telões com várias cores (fortes e rotativas) produzindo efeitos de alucinação, que são reforçados pela trilha sonora composta por uma música instrumental psicodélica.



Figura 1. Cenário

Compondo esse enunciado audiovisual é apresentada a fala de Tadeu Schmidt que faz uso da ironia (percebida também pela entonação do apresentador) ao dizer: “*Em Rondônia no norte do país uma instituição começa a oferecer o Daime para presos do regime fechado. (Pausa) Oferece também massagens, banho de lama, meditação*”. A ironia pode ser percebida principalmente quando se trata de atividades terapêuticas como métodos de ressocialização que não possuem vínculos com a prática religiosa do Santo Daime.

Adentrado a reportagem de Álvaro Pereira, Lúcio Alves e Evandro Siqueira, passo a observar a função identitária e relacional desse discurso. Inicialmente, iremos perceber como são construído alguns dos “eus” desse discurso jornalístico, atentando para o conceito de *ethos* “como o comportamento total de um(a) participante do qual seu estilo verbal (falado e escrito) e tom e voz fazem parte, expressa o tipo de pessoa que ele(a) é e sinaliza a sua identidade social bem como sua subjetividade” (MAINGUENEAU *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p. 181).

Logo no início da reportagem, são construídas as imagens dos 13 indivíduos que vivem na ONG (sujeitos falados), como presos responsáveis e conscientes, que mesmo condenados pela justiça não estão “privados” da liberdade, pois trabalham com ferramentas perigosas, praticam artesanato, agricultura, ficam com as chaves dos dormitórios, não utilizam algemas e passam a ser responsáveis (junto com as câmeras instaladas na instituição) pela sua própria vigilância. Identidade reforçada pelo

enunciado de um dos “detentos” que diz: “A *única forma de vigilância é através da nossa própria consciência*”.

Na sequência é apresentado ainda o perfil dos sujeitos assistidos pela ONG na fala do repórter Álvaro Pereira que diz: “*Presos do regime fechado: assassinos, traficantes, estupradores, pedófilos.*”. Ao produzir tal enunciado é percebido um choque ideológico ocasionado entre o *ethos* e o perfil dos presos (entre sujeitos responsáveis e criminosos perigosos). Ao posicioná-los como assassinos, traficantes, estupradores e pedófilos, o enunciador despeja sobre estes sujeitos características de indivíduos que socialmente são tratados como de alta periculosidade, e que, como tal devem ter penas bastante rígidas.

Além do perfil geral dos presos (sujeitos falados) que moram e são assistidos pela ONG Acuda, é construído ainda a imagem de dois dos detentos, Marcos Antônio Chaves e Alsimar Dantas Coelho, que tornam-se personagens centrais na reportagem, e que são, portanto, os co-enunciadores.

O primeiro, Marcos Antônio Chaves, é apresentado como um preso muito perigoso, responsável pelo estupro e morte da estudante de jornalismo Naiara Carina em 2013. A reportagem mostra que mesmo condenado, o preso é uma pessoa (feliz) sorridente, que se diverte ao praticar as atividades da ONG e ao mesmo tempo tímida.

Logo na sequência são exibidas imagens de Linara da Costa (mãe de Naiara Carina, vítima de Marcos), que também assume o papel de co-enunciadora. Os planos e movimentos de câmera escolhidos, inicialmente apontam como cenário uma estrada de chão batido com Linara ao centro, com um olhar triste e perdido no infinito. Ao iniciar a entrevista com a mãe de Naiara é feito um plano fechado – revelando as emoções da entrevistada –, que se mostra triste e revoltada com o tratamento dado a Marcos Chaves enquanto desabafa por ser desassistida pelo Estado.



Figura 2. Da esquerda para a direita: Marcos (ao centro) participa de uma atividade na ONG e a mãe de Naiara durante entrevista.

Atentando para o papel relacional do discurso é possível perceber pelo cruzamento das entrevistas de Marcos e Linara um embate ideológico, onde o primeiro faz uma defesa ao discurso de ressocialização por meio das terapias oferecidas pela Acuda, percebendo-as como uma “segunda chance” para os detentos, enquanto a mãe de Naiara entende que tal tratamento é errado, chegando a posicionar a atitude do Estado como “ridícula” e como uma “forma de benefício” para preso.

Nesse sentido podemos concluir, a partir da análise dos enunciados, que a relação entre parente das vítimas e os projetos de ressocialização de presos, que contam com o apoio do Estado, é conflituosa. Isso é reafirmado na entrevista das mães (D. Lucimar e D. Clélia) de dois menores assassinados por outro detento assistido pela ONG.

D. Lucimar: - Eu acho errado! Porque ele era pra tá no fechado, no fechado mesmo. Porque, olha, ele não matou dois cachorros não. Foram duas pessoas de menor e na maior crueldade do mundo!

D. Clélia: - Tinha que pagar pelo que ele fez. Isso aí nunca que eu vou concordar. Eu não acho certo não. Porque ele leva a boa vida! Quer dizer que esse que morreu foi, agora ele que tá vivo aí, na vida boa! (Trecho extraído da reportagem. Disponível na internet no site do Fantástico. Tempo: 12’24” a 12’50”).

O detento que assassinou os filhos de Lucimar e Clélia é Alsimar Dantas, apresentado na reportagem como um dos 13 homens que moram na sede da Acuda e que participa da ritual com o Santo Daime. Durante entrevista concedida ao repórter Álvaro Pereira, Alsimar revela ter se arrependido por ter praticado os crimes.

É apresentado ainda a imagem de outro co-enunciador: o juiz responsável por autorizar os presos a participarem dos rituais com o chá do Santo Daime. Renato Bonifácio Dias é apresentado como um juiz “linha dura”, imagem reforçada pela trilha sonora (música que remete à filmes de ação), por sua postura diante da câmera e pela segurança ao falar sobre o assunto.

O poder é exercido através do discurso como forma de interação social: 1) [...] Os falantes costumam ter um papel institucional e seus discursos apoiam-se com frequência no poder institucional. Nesse caso, consegue-se a aquiescência muitas vezes através de sanções legais ou de tipos de sanção institucional (DJIK, 2008, p. 52).



Figura 3. Juiz Renato Dias durante entrevista

São apresentados ainda cenas do juiz caminhado em frente ao presídio com um olhar altivo, enquanto é narrado o texto de *off*, que reforça o posicionamento do Estado e o discurso de autoridade do juiz, sobre a liberação de presos para esse tipo de tratamento. De acordo com Renato, esse tipo de projeto é seguro, pois existem mais casos de fuga entre detentos que não frequentam a ONG.

Como o tratamento de presos com terapias alternativas já é feito pela ONG à 15 anos, o foco da matéria se volta para uma prática recente da organização: a inserção dos presos que moram na Acuda e de mais alguns detentos do regime semiaberto nos rituais religiosos do Santo Daime.

Apesar de ser sempre tratado pelo repórter como um chá alucinógeno, o uso do Santo Daime pelos detentos é visto, pelo diretor-geral da ONG, Rogério Araújo (co-enunciador), como algo benéfico e como ele diz é capaz de provocar naquelas pessoas “*a capacidade de observar o mal que se fizeram, que fizeram a suas vítimas e que provocaram na sociedade*”, tornando-os aptos, quando cumprirem suas penas, para voltar ao convívio social.

Por ser apresentado desde o princípio da reportagem como uma substância alucinógena, revelando assim um olhar ideologicamente condenatório do enunciador, as explicações para os efeitos do uso chá pelos detentos é feita de maneira científica e não religiosa, pelo psiquiatra e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), Jaime Hallak, que desenvolve pesquisas acerca do Santo Daime.

A escolha em evidenciar o discurso científico é observada no decorrer da reportagem, principalmente quando o discurso do líder religioso é apresentado somente para justificar a aceitação dos detentos na cerimônia, enquanto explicações são fornecidas pelo enunciador a cerca dos efeitos colaterais do chá, tempo de atuação no organismo, princípios ativos das folhas e cipós que compõem o chá, além do estudo

sobre a utilização dessas substâncias para desenvolver possíveis remédios contra a depressão e ansiedade.

Por fim, podemos perceber que as políticas públicas implementadas pelo Estado e o modelo prisional brasileiro, mostram-se ineficazes, no que diz respeito à ressocialização ficando, assim, a cargo de iniciativas privadas o papel de reinserir (por meio de diversas técnicas terapêuticas e religiosas) os detentos no meio social.

Considerações Finais

O campo jornalístico, embora defenda ser um espaço de neutralidade baseado na sua função social de informar, revela a partir de seus discursos os embates ideológicos, as pressões sociais e os posicionamentos dos sujeitos. Ao analisar criticamente os discursos, percebemos nesse trabalho, que o posicionamento da mídia, pode funcionar como um reforço para certas práticas de exclusão, desigualdades e opressão.

Assim como nos textos ou falas o discurso audiovisual é como um dizer, estando condicionado às regras de linguagem, coerções sociais próprias do momento de sua produção e enunciação e às limitações de ordem técnicas ou dos gêneros discursivos.

Enquanto discurso, os materiais audiovisuais divulgados nos meios jornalísticos atuam na construção das identidades sociais (representado e significando os sujeitos sociais), posicionando-os enquanto sujeitos discursivos e legitimando ou transformando as relações existentes nos estratos da sociedade.

Portanto, ao analisar criticamente as reportagens televisivas, a partir de sua multimodalidade, podemos perceber as ideologias, relações hegemônicas, os embates e lutas que são constitutivas desse discurso, acessando os momentos das práticas sociais, e percebendo-os como agentes na manutenção ou mudança da ordem social.

A partir da análise sobre a reportagem do Fantástico, podemos perceber que o *ethos* do enunciador da matéria é o de um narrador justiceiro, que provoca indignação social ao construir o enunciado de mães que sofrem com a perda dos seus filhos em contraponto a aparente situação de privilégio dos algozes dessas vítimas.

A reportagem é visivelmente ideológica, pondo em cheque o método de tratamento de recuperação dos presos adotado pela ONG Acuda. Isso pode ser confirmado no modo como o enunciador insiste em caracterizar o chá como produto

alucinógeno – que, não deveriam ser aceito no tratamento de detentos (visto que estes possuem comportamentos desviantes) – assim como pontua as outras atividades terapêuticas, como benefícios e não como métodos de ressocialização.

Referências

BAKHTIN Mikhail M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da Ciência da Linguagem. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Ed.: UNB, 2001.

_____. **Language and globalization**. Oxon: Routledge, 2006.

FRAZÃO, Theresa C. Jardim. **Análise Crítica do discurso jornalístico sobre a implantação do sistema de cotas em universidades públicas brasileiras**. 2007. [Dissertação Mestrado] Mestrado em Ciências da Linguagem. Universidade Católica de Pernambuco. Disponível em: <http://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/310.pdf>. Acesso em: 17/07/2015.

MACHADO, Irene. **Um redirecionamento: o ponto de vista semiótico**. 2003. Disponível em: <https://www.academia.edu/4216947/O_ponto_de_vista_semi%C3%B3tico>. Acesso em: 10 de julho de 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Trad. Sírio Possenti e Cecília P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2010.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. **Análise De Discurso (para a) Crítica: O Texto Como Material de Pesquisa**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2011.

ROCHA, Leonardo Coelho. **O caso Ônibus 174: Entre o documentário e o telejornal**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-leonardo-documentario-telejornal.html>. Acesso em: 15/07/2015.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. 2006. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, jan.-fev. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>. Acesso em: 15/07/2015.